Há tempos repetimos – tristemente – como o Brasil é um país sem memória e que nós temos como mis

Ao longo dos últimos anos fomos tomados pela “onda Tilke”, com os projetos do alemão se espalhando

O que quase ninguém sabe é que, durante os anos 80, duas das melhores corridas, em termos de emo



Natural de Curitiba, sagaz e dinâmico, mesmo estando quase com 95 anos, tem em sua casa, bem pró

A mente ativa e o raciocínio rápido vão desde as lembranças como jogador do Clube Atlético Paranaen

Foi em seu jardim que Lolô – como é conhecido no meio – nos recebeu para esta história entrevista.

NdG: O senhor tem em seu currículo como engenheiro e arquiteto grandes projetos, alguns no meio esp

Lolô Cornelsen: Eu sempre fui apaixonado por desenho. Foi o desenho que me levou para a arquitetura

NdG: Destes grandes projetos que o senhor se envolveu, o que era mais desafiante?



Comecei a trabalhar com Alfred Agache tinha 18 anos. Estudava engenharia e ele me fez apaixonar-me

Lolô Cornelsen: Sem dúvida eram as estradas. Quando eu fui secretário de transporte, estive à frente d

NdG: Essa experiência e aprendizado na construção de estradas acabaram sendo muito uteis para uma

Lolô Cornelsen: Sim e não. Compreender o processo de análise de solo, correções, sistemas de drenag

NdG: O senhor foi o responsável pelo projeto do autódromo que hoje leva o nome de Autódromo Interna

Lolô Cornelsen: Eu tinha uma chácara em Piraquara, que era também da família e não é longe do local

NdG: Como foi a concepção, o estudo para fazer o autódromo ali onde ele foi feito. O que se precisou f



O projeto do autódromo de Curitiba não foi fácil. boa parte do terreno era um banhado e precisou ser co

Lolô Cornelsen: O terreno ali precisou de um trabalho grande. Boa parte dele era banhado. Tem um ca

NdG: Como assim “teve que sair do país”?

Lolô Cornelsen: Eu fui chamado de comunista aqui em Curitiba... e eu era meio vermelho mesmo (risos

NdG: Foi nesta época que o senhor fez o o autódromo do Estoril, que era um outro desafio, com um rel

Lolô Cornelsen: Tudo depende da natureza do terreno, de trabalhar bem com as curvas de nível de um

NdG: Quando convidaram o senhor pra fazer o circuito de Jacarepaguá o senhor já estava conhecido p

Lolô Cornelsen: Cada projeto é um desafio novo, são condições diferentes de um lugar para o outro. Er

NdG: Mas ali já havia um autódromo e tinha uns lagos nele, como foi que se deu o trabalho de alterar e



Um autódromo tem que ser projetado de forma a criar também em torno dele um espaço de uso rentáv

Lolô Cornelsen: O autódromo de Jacarepaguá era uma iniciativa privada, de um pessoal de Santa Cata

NdG: Algum tempo atrás nós publicamos um artigo sobre segurança nos autódromos e na pesquisa sol

Lolô Cornelsen: É verdade, sim... mas vou contar a verdade para você: foi por acaso! Depois de fazer c

NdG: Há quanto tempo o senhor não vai no autódromo que o senhor projetou e construiu aqui?

Lolô Cornelsen: (silêncio longo) Eu não sei. Acho que desde pouco depois que ele ficou pronto. Depois

NdG: O autódromo passou por uma reforma em 1994 e quase foi vendido pra ser destruído no ano pas



Depois que o autódromo de Curitiba ficou pronto e eu saí da cidade, não voltei mais lá.

Lolô Cornelsen: Mas ele ainda está funcionando? Que reforma fizeram? Estragaram o autódromo? Por

NdG: O senhor assiste corridas pela televisão?

Lolô Cornelsen: Deixei de ver há muito tempo. O barulho me deixa louco. Antigamente eu via, quando f

NdG: O senhor conhece os autódromos de hoje em dia?

Lolô Cornelsen: Alguns deles eu conheço, de ver o projeto, estudar... cada um é um e quem projetou e

NdG: O senhor continua ativo, de forma impressionante. O que o senhor tem feito em termos de projeto

Lolô Cornelsen: Venha comigo até meu escritório e veja. Eu troquei os autódromos por campos de golfe

NdG: Tem alguma coisa que o senhor gostaria de ainda fazer como arquiteto, engenheiro e urbanista?

Lolô Cornelsen: Eu queria arrumar Curitiba. Melhorar a cidade. Todo mundo fala do Jaime Lerner, mas

NdG: De onde vem tanta longevidade?

Lolô Cornelsen: Acho que é a polenta que eu como... (risos)